

“LAUDATIO FINALIS”

Fernando Bastos de Ávila, S.J.
Centro João XXIII (RJ)

“...congrunum esse ducimus...
ad maiorem Dei Gloriam, novas ecclesias aedificare...”
Henricus, Rex, (973-1024)

Este texto do rei, depois imperador, Henrique, foi escrito muito possivelmente em 1021. Foi assim um Henrique que, 900 anos antes do nascimento de um outro Henrique, usou pela primeira vez o lema *ad maiorem Dei gloriam* como sentido de sua vida, na construção de novas igrejas.

Encerrando esta Semana de Filosofia em comemoração dos 50 anos da fundação da Faculdade, ouviremos a seguir a aula de um professor cujo 70º aniversário celebramos este ano.

Fui convidado para fazer a apresentação deste professor, sob a forma de uma *laudatio*, interpretando o sentimento de todos.

Laudatio finalis — é este o título que escolho para minha breve comunicação. *Laudatio finalis*, porque esta semana foi uma *laudatio generalis*, foi uma sinfonia na qual eu faço apenas a orquestração de acorde final.

Confesso ingenuamente que, durante esta semana, tive a sensação de me encontrar numa nave espacial, em permanente estado de levitação, livre da gravidade, flutuando, ouvindo sinais de um remoto mundo terráqueo no qual agora estou aterrizando.

Antes de desincumbir-me da missão precípua para a qual fui convidado, tomo a liberdade de felicitar a Faculdade de Filosofia pela organização desta semana, talvez o maior evento cultural, no campo da Filosofia, promovido no Brasil nestes últimos anos.

Minhas homenagens aos incansáveis promotores deste evento, Pe. Marcelo Perine, Pe. Luiz Monnerat e sua equipe. Eles merecem.

Suponho que o convite tenha sido motivado pelos estreitos laços de amizade fraterna que me unem ao Pe. Vaz, na trajetória que fizemos juntos e que descrevi no texto "Depoimento de um irmão", publicado pelo Pe. Carlos Palácio, S.J. no livro *Cristianismo e História*. Certamente pesou também na escolha o fato de ser eu a mais velha testemunha ocular da história de uma vida que hoje, aos 70 anos, brilha no seu radioso zênite.

Sei que não é fácil minha tarefa de explicitar com sinceridade meu apreço e admiração pelo homenageado, sem criar maiores constrangimentos a sua modéstia.

Optei assim por restringir-me a uma afirmação que considero ser o resumo, a síntese, o segredo íntimo do Pe. Vaz: realizar em sua vida a oração de Santo Inácio. Foi só o que ele fez, respeito a sua modéstia; mas a realizou *toda*, plenamente, preservo a liberdade para minha *laudatio*.

"Tomai, Senhor e recebei toda a minha liberdade."

O Pe. Vaz compreendeu e assumiu a exigência radical do sentido da "eleição", dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio como uma opção irreversível. Sua vida é uma silenciosa homenagem aos centenários inicianos, como demonstração da força transformadora da experiência interior de quem se entrega ao discernimento do Espírito.

Ele segurou o arado e não olhou para trás, para o muito que deixava para trás, na beleza de uma perfeita família mineira na sua Ouro Preto natal.

Olhou para a frente, abrindo sulcos onde foram caindo as sementes de uma fecunda germinação que anunciava uma primavera na Igreja do Brasil. Não tenho a pretensão de elaborar uma tese acadêmica. Quem poderá defendê-la é um dos mais brilhantes colegas do Pe. Vaz, o Pe. Paulo Meneses, com sua intuição certa: foi o Pe. Vaz, com seus primeiros estudos sobre cristianismo e marxismo, sobre a consciência histórica, que despertou a Igreja do Brasil e da América Latina de sua piedosa hibernação devocional.

Fincou o arado e olhou para a frente. Não foram pequenos os obstáculos, as pedras que encontrou pelo caminho, quando de volta

ao Brasil, depois de seu doutorado em Roma e da Terceira Provação na Espanha. A grande pedra foi a incompreensão, quase inevitável para quem via largos horizontes confinado num piedoso campo de concentração cultural. Para que se tenha uma idéia, não existia ainda a TV, não tínhamos rádio, jornais, recebíamos o *Osservatore Romano* por via marítima com dois meses de atraso, isto é, chegava, como certas pessoas sentenciosas, pontualmente anacrônico; tínhamos também o semanário local, *O Friburguense*, no qual, um dia, liamos a informação: nosso caro pároco, Mons. José Miranda, foi nomeado pelo Santo Padre "protozoário apostólico". Protonotário Apostólico, creio que seja uma espécie em extinção na ecologia eclesiástica. Mas em compensação, tínhamos os *Diálogos* de Platão, os textos de Aristóteles inclusive o *Peri Psyches*, cuja edição crítica o Pe. Paulo Sivec, S.J. estava editando, tínhamos as tragédias gregas, as *Epopéias do Refém*, anônimo, Homero, a *Iliada* e a *Odisséia*, os discursos de Demóstenes, tínhamos historiadores, Heródoto, Tucídides, Xenofonte, e, nos clássicos latinos, tínhamos os discursos de Cícero, as suas catilinárias, suas cartas, seu *De Legibus*, tínhamos a *Eneida* de Virgílio, as odes de Horácio castamente expurgadas. Enfim, talvez seja a sina da condição humana: num regime de vida espartana e pobre, éramos felizes e não sabíamos.

Longe de mim julgar intenções. Mas o resultado foi que muitos desistiram, foram arar outros campos. Ele ficou fiel a seu compromisso. Os tempos mudaram, os campos se ampliaram, novas pedras apareceram, mas ele continuou firme no arado e as messes cresceram e se estendem hoje ondejantes a perder de vista como se viu nesta semana, porque ele assumiu sua "eleição" como numa opção irreversível: "Tomai, Senhor, e recebei toda minha liberdade".

"A minha memória também."

Aliás, uma memória prodigiosa, instantânea, precisa, indelével. Ela parece armazenar filmes intactos do mundo da história e do mundo das idéias, que associam a abrangência da visão com o detalhismo dos episódios. Contempla uma vasta paisagem interior onde tudo é registrado num mapeamento preciso que lhe permite recolher tanto as lembranças para uma simples conversação fraterna, como os temas para a síntese de sua trajetória intelectual, grande parte da qual dedicada à Faculdade de Filosofia. Com a sua presença e atuação, esta Faculdade vem adquirindo a densidade de um verdadeiro buraco negro no espaço cultural brasileiro, atrai tudo o que passa pelo seu campo: livros, revistas especializadas, boletins, toda a sorte de publicações e, muito mais, filósofos incautos circulando pelas adjacências, e

mesmo inocências vagamente seduzidas pela vertigem do filosofar. Só que, diversamente dos buracos negros, ele irradia uma luz intensa e, prova disto é precisamente essa brilhante Semana Filosófica, uma espécie de supernova cuja explosão será detectada por remotos observatórios do pensamento. Antes se dizia que cada um sabe aquilo de que se lembra. Hoje parece que cada um sabe aquilo que está nos disquetes. Como eu sou da geração pré-disquetes e entendo pouco da linguagem do "informês", manifesto respeitosamente minhas apreensões sobre um desfecho possível do processo triunfal da informática: cada vez mais disquetes e cada vez menos memória. Basta esquecer um leve toque digital num computador e um imenso material de informação permanece morto e silencioso. Perde-se a seiva viva da memória que fertiliza a inteligência para as grandes sínteses e acumula-se um imenso banco de dados. Tomai, Senhor, e recebei todos os meus disquetes, mas "a minha memória também".

"Tomai, Senhor, e recebei o meu entendimento."

Sua vida foi um permanente esforço de entendimento, esforço que eu diria quase ascético, impondo-se uma disciplina de trabalho, entricheirado entre seus livros e manuscritos. Com discrição mineira, recusa convites para seminários e debates, inclusive convites meus, onde sei que sua presença teria uma influência decisiva. Resigno-me com meus ciúmes e procuro convencer-me de que sabe o que faz. Alça o vôo para o grande entendimento. Condor solitário, contempla com paciência as platitudes das mediocridades irremediáveis e se deixa fascinar pelos píncaros cintilantes. O resultado vem sendo a discrição de seu vôo nas alturas do pensar filosófico, que nos inicia também no entendimento do sentido histórico do cristianismo na imensa trajetória da racionalidade.

Ele, com sua preparação matemática, na qual viu o querido Pe. Roser uma vocação para a física teórica, e com seus cursos de cosmologia ministrados durante tantos anos, chegou àquela visão abrangente do cosmos, envolvendo desde o turbilhão dos astros nas galáxias até a agitação frenética dos quarks nas partículas elementares. Ele viu como tudo isto foi uma necessidade, não um acaso, para que num momento secreto se processasse o improbatilíssimo encadeamento primordial da matéria orgânica, do qual surgiu a vida na infinita variedade de suas formas, culminando naquele gesto criador, imortalizado por Miguelângelo na Capela Sistina, que faz emergir o homem de suas raízes telúricas e cósmicas.

Seduzido pelo pensamento de Teilhard de Chardin, ele saudou o assim chamado princípio antrópico formulado pela primeira vez, em 1974, pelo astrofísico inglês Brandon Carter e recentemente

reassumido por Jean Ladrière, como a primeira elaboração científica daquele vão central que, partindo da cosmogênese e passando pela antropogênese, culmina na Cristogênese, mostrando assim a perfeita unidade do plano criador e do plano salvífico; por outras palavras, mostrando que tudo enfim foi a aventura, ainda hoje apenas desvendada, de um inefável plano de amor.

"Tomai, Senhor, e recebei o meu entendimento e toda a minha vontade."

Enfeixando todas as suas potências, no sentido escolástico do termo, a sua vontade as devolve ao Cristo que o seduziu. Parece ser esse o sentido secreto de sua reflexão sobre o trânsito da religião pensada para a religião vivida, aquela meta-história da santidade "para além de todas as modernidades em traços que nunca esgotam a novidade infinita do anúncio do Verbo feito carne, o arquétipo da nossa verdadeira e definitiva humanidade, reconhecido pela fé no Cristo Jesus".

Nesse Cristo que o seduziu, ele busca a resposta à grande indagação sobre o mistério do homem que se desvenda no *Redemptor Hominis*. Os trâmites dessa busca incansável estão já agora registrados no 1º volume de sua *Antropologia Filosófica*.

Mas sua vontade não deixou confinar-se na investigação especulativa. Ele quis indagar o mistério do homem comprometendo-se com o homem, com o homem concreto, especialmente com os jovens, como o atestaram nesta Semana depoimentos tão sinceros e tão emocionados.

O Pe. Vaz procurou oferecer àqueles jovens parâmetros, novas categorias de análise, iniciando-os na temática da consciência histórica e numa crítica inteligente do marxismo. Seu esforço foi incompreendido, não pelos jovens, mas pelos que não compreendiam o drama dos jovens e não compreendiam a radicalidade dos questionamentos com que se defrontavam. Os jovens o compreenderam e fizeram as suas opções conscientes, pelas quais pagaram com a dor a fidelidade a seus compromissos, num dos períodos mais tenebrosos de nossa história cultural e política. Por coincidência, aqueles que não compreendiam então nem o mestre nem os alunos, situavam-se no segmento que uma vã analogia geométrica denominada de extrema direita. Exigiam do Pe. Vaz uma condenação de seus discípulos, exigiam que ele os renegasse, num momento em que tal gesto seria sentido como uma traição. O Pe. Vaz sempre se negou a isto. Sofreu com eles; com eles foi vítima da repressão, foi reduzido à condição de um homiziado da cultura, ao ostracismo intelectual.

No isolamento e no sofrimento, ele continuou seu silencioso e obstinado trabalho, acumulando uma das mais invejáveis culturas filosóficas de nosso Brasil, sempre a par do que mais rico vinha surgindo em todos os quadrantes do horizonte cultural.

Curiosamente, hoje também é incompreendido, porém, para ficar ainda na vã analogia, pelas esquerdas radicais, que percebem nele o mais lúcido crítico de um marxismo superficial e de segunda mão.

"Tomai, Senhor, e recebei toda a minha vontade."

"Tudo o que tenho e possuo, Vós me destes com amor. Todos os dons que me destes com gratidão vos devolvo, disponde deles, Senhor, segundo a vossa vontade. Dai-me somente o vosso amor, vossa graça. Isto me basta, nada mais quero pedir."

O Pe. Vaz é de Ouro Preto, das Minas Gerais. Há um presságio oculto nessa origem. O ouro da velha Vila Rica, percorrendo caminhos secretos, reluz ainda hoje em palácios distantes e remotas catedrais. Muitos monumentos da inteligência foram concluídos nestes últimos anos por aqui. Imagino que examinando-os, o filho de Ouro Preto não tenha muita dificuldade em reconhecer a origem remota de furtivas cintilações dessas obras de nossa arquitetura teológica, filosófica, sociológica e antropológica.

Assim, o *élan* mais secreto de todo o ser, do *soma*, da *psyché*, do *pneuma*, da *kardia*, que sei eu, do íntimo mais íntimo desse querido irmão se exprime nesta prece que lhe é tão cara: "O veritas, o caritas, o finis et felicitas, sperare fac et credere, amare fac et consequi" (Liturgia das Horas — Feria II — Hebdomadae, III): "Ó verdade, ó amor, ó fim e felicidade, faz-me esperar e crer, faz-me amar e eu chegarei lá". Amém.

Endereço do autor:

Rua Bambina, 115

22251 — Rio de Janeiro — RJ